

AÇÕES EDUCATIVAS ACESSIBILIZADAS: O DESENVOLVIMENTO DE PRODUTOS PARA A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NOS MUSEUS

LEANDRO FREITAS PEREIRA¹; CARLA RODRIGUES GASTAUD²

¹*Universidade Federal de Pelotas 1 – lheandrolfp@gmail.com 1*

²*Universidade Federal de Pelotas – crgastaudt@gmail.com 2*

1. INTRODUÇÃO

A busca por soluções para atender pessoas com deficiência visual é motivada pela presença de um aluno com cegueira no curso de Museologia, o autor deste trabalho, que perdeu a visão na fase adulta. A convivência cotidiana entre pessoas com e sem deficiência, leva à compreensão e ao entendimento mais claro das dificuldades com que se depara esse grupo social ao frequentar museus.

O Laboratório de Educação para o Patrimônio - LEP, vinculado ao curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas, desenvolve a mediação cultural acessibilizada, com a finalidade de conscientizar, capacitar e construir, através da prática educativa, o museu como espaço de aprendizagem, que é algo mais que um mercado de tempo livre, posto que trata de preservar traços da memória da humanidade para as gerações presentes e futuras e se apresenta como um lugar de convivência que está aberto para que toda e qualquer categoria de público possa usufruir um espaço não só de lazer, mas fundamentalmente de reflexão a respeito da memória histórica e de um simbolismo transcidente. Além disso, também é um objetivo deste projeto, mostrar aos museus possibilidades de promover a inclusão das pessoas com deficiência visual durante a visita, por meio da mediação cultural acessibilizada.

O jogo de memória tátil foi o primeiro produto pensado e desenvolvido no LEP para o uso de quem não enxerga. Teve como inspiração o livro Colorir para Conhecer: Detalhes do Museu do Doce da UFPEL, desenvolvido em 2015, e uma visita guiada

com um grupo de deficientes visuais, da associação Louis Braille de Pelotas, em 2016. Essa experiência foi a base para planejar e construir o jogo de memória tátil, que foi aplicado em 2017 no Museu do Doce.

As transformações das coleções e exposições em atenção ao público são uma evolução no relacionamento entre museus e visitantes. Para haver melhor aproveitamento por parte das pessoas cegas ou com baixa visão da experiência em museus, a mediação cultural acessibilizada beneficia, além das pessoas com deficiência visual, público ao qual se destina prioritariamente, também crianças e idosos, numa forma de democratização do acesso à cultura. Assim, aqueles que enxergam aproveitam as informações acessibilizadas como complemento da informação imagética, uma vez que o conteúdo verbalizado direciona o olhar para detalhes que poderiam passar despercebidos.

Para atender às necessidades específicas da deficiência visual, alvo da produção de acessibilidade, é preciso estimular a audição e o tato, sentidos bastante explorados no cotidiano dos deficientes visuais. Para isso a audiodescrição se apresenta como recurso de acessibilidade comunicacional e a experiência háptica (tato) como complemento da informação verbalizada para a construção da imagem pela imaginação. Para quem não enxerga é importante que toda informação imagética seja traduzida verbalmente para que, pela descrição - das imagens, dos objetos, do espaço - seja possível construir uma imagem mental. Para que esta imagem mental corresponda à realidade, há necessidade de tocar nos objetos e de percorrer os ambientes apresentados para materializar o que de outra forma permaneceria invisível para aquele que não vê.

Curi (2005) diz que atuar por meio de estímulos capazes de estabelecer diálogos com os visitantes é facilitar a apreensão pelo público, o que gera respeito e valorização do patrimônio cultural, durante a visitação e a participação em ações educativas nos museus. Apresentar o objeto cultural de forma lúdica, divertida e prazerosa é tão desafiador quanto acessibilizar as ações educativas para a prática da inclusão, tão importante e necessária nas instituições culturais, sobretudo nos museus.

2. METODOLOGIA

A mediação cultural acessibilizada é desenvolvida com a intenção de tornar acessível, neste caso para deficientes visuais, a experiência de visitar um museu. Realizar a acessibilização da visita requer acompanhar um educador da instituição durante uma visita mediada, para avaliar, durante essa atividade, os pontos que necessitam ser adequados para a compreensão daqueles que não enxergam. Essas adequações podem ser no vocabulário utilizado, na descrição das imagens que são referenciadas, na disponibilização de objetos para serem tocados e até mesmo na alteração do trajeto percorrido dentro da instituição. A adequação do vocabulário e da descrição é fundamental em vários aspectos: para evitar a utilização de gestos, priorizando comunicar verbalmente todas as informações e para descrever os objetos e toda informação visual necessária para a compreensão do contexto da exposição, por exemplo.

Disponibilizar objetos para serem tocados complementa as informações verbalizadas, porque conhecer texturas, temperatura, peso e dimensões é esclarecedor para as pessoas com deficiência visual, assim como percorrer o trajeto da visita é a maneira de dimensionar o espaço que está conhecendo. Elencadas as adequações para acessibilização, um roteiro de mediação acessibilizada é desenvolvido para servir como treinamento para os educadores, estagiários, voluntários e todas as pessoas que venham apresentar o museu.

A capacitação para a mediação cultural acessibilizada é essencial para que haja unidade do discurso e entrosamento da equipe. O conhecimento sobre a finalidade da mediação cultural acessibilizada e os resultados esperados devem estar bem claros para todos. Antes de oferecer esse serviço para grupos de visitantes é necessário treinar no museu, com a própria equipe revezando-se entre apresentar e assistir para todos praticarem e perceberem as diferenças entre a mediação tradicional e a acessibilizada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As ações educativas são momentos de diversão, reflexão e construção, através delas se busca integrar educação e patrimônio. Cada vez há mais pessoas com deficiência visual, ávidas por conhecerem museus e dispostas a participar de distintas

ações educativas, manifestações culturais e atividades artísticas, porque sabem que estas experiências proporcionarão "viagens" pelo imaginário de seus visitantes.

A mediação cultural acessibilizada desenvolvida pelo LEP está em fase de planejamento para ser colocada em prática no Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, da UFPel e pretende oferecer algo novo e contribuir de forma dinâmica e colaborativa para a construção de um método pedagógico que estimula a percepção sensorial sendo o museu o interlocutor.

4. CONCLUSÕES

A mediação cultural acessibilizada se apresenta como uma ação educativa que respeita a diversidade humana, vista muitas vezes como um fator dificultador na realização de atividades culturais – e, pela inclusão, atua no sentido de transformar a diversidade em vantagem pedagógica ao revelar que pessoas com e sem deficiência se beneficiam mutuamente ao conviverem.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CURY, Marília Xavier. **Comunicação Museológica**. São Paulo 2005.

GASTAUD, Carla, CRUZ, Patrícia, LIMA, Marcelo; **Implantação da Mediateca do LEP - Laboratório de Educação para o Patrimônio** agosto de 2013.

GASTAUD, Carla Rodrigues; CRUZ, Matheus; LEAL, Noris Mara Pacheco Martins; SÁ, Patrícia Cristina da Cruz; CASTRO, Renata Brião de. **Do sal ao açúcar: as ações educativas do Museu do Doce da UFPel** (Universidade Federal de Pelotas). Expressa Extensão. Pelotas, v. 19, n.2, p. 91-105, 2014.

IPHAN, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL **Histórico, conceitos e processos**, 2014.